



COLONIA BRAZILEIRA EM LISBOA: Mademoiselle Angelina Araujo Cunha
(Cliché da Fotografia Brazil)

Segunda série—N.º 448

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 21 de Setembro de 1914

Director e proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840 "	80 centavos
Ano.....	4880 "	

Agencia da Ilustração Portuguesa em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações e especies de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundo de reserva e de amortisação	266.400\$000
Réis	550.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietarias

das fabricas do Prado, Marianaia e

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha).

Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações e especies de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de forma.

Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

Lisboa—270, Rua da Princeza, 276

Porto—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

Tendinha do Rocio

TELEPHONE 2658

Querem especialidades em vinhos muito antigos vão lá. QUEREM o genuino vinho de Colares e Bucelas mandem lá. A casa mais antiga n'este genero, fundada em 1599.

MOZAIÇOS — AZULEJOS — CAL HYDRAULICA CIMENTO AGUIA ROCHEDO

GOARMON & C.^ª

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21

TELEPHONE 1244 — LISBOA

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

A RECEITA mais segura e facil para não ter **Formigas** é usar

MANEJO FACIL — PREÇO ACESSIVEL — Frasco 200 réis

Deposito g'ral: **NETTO, NATIVIDADE & C.^ª**, Rua Jardim do Regedor, 19

O ROSENE

Colegio Nacional SANTAREM
Internato d 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, d'pinto, arte applicada, etc., etc. o o o o o

LOJA DA AMERICA
ROUPAS BRANCAS, SENHORAS E CRIANÇAS — R. DO OURO 206 —



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

TELEPHONE Nº 2038
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

BREVEMENTE

Almanaque Ilustrado d'O SEculo

PARA 1915

Sabonete preparado com os saes das Aguas
de **Vizella**
o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA
Reutlinger
A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre — PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 448

21 - 9 - 1914

Os expedicionarios

Vi-os passar. Caminhavam quasi nos braços do povo. Pequenos, robustos, tisonados do sol, curvados sob as mochilas enormes, o trigueiro doirado das cabeças espreitando da sombra dos capacetes de feltro, as pernas curtas apertadas nas grévas, avançando, cinzentos, baços, compactos,

como uma expressa columna de poeira que tivesse aberto caminho entre uma multidão, — respirava n'eles, nas suas figuras desmanchadas, troncudas e alegres, aquela simples e ingenua bravura, aquele risonho e resignado heroismo, que foi sempre, desde que os burguezes escuros e barbaros dos primitivos conselhos se bateram nas Navas de Tolosa, a característica fundamental da nossa raça. A alma do povo, anciosa e inquieta, seguia-os, envolvia-os, acompanhava-os, mais do que com entusiasmo, — com ternura. Aquele sacrificio, sim. Entendiam-no e exaltavam-no. Eram soldados portugueses que a suprema causa da patria levava a combater e a morrer, talvez, — em terra portugueza.



signado heroismo, que foi sempre, desde que os burguezes escuros e barbaros dos primitivos conselhos se bateram nas Navas de Tolosa, a característica fundamental da nossa raça. A alma do povo, anciosa e inquieta, seguia-os, envolvia-os, acompanhava-os, mais do que com entusiasmo, — com ternura. Aquele sacrificio, sim. Entendiam-no e exaltavam-no. Eram soldados portugueses que a suprema causa da patria levava a combater e a morrer, talvez, — em terra portugueza.

Na praia

Onze horas da manhã, no Estoiil. A praia, n'um tom violento d'oca, alastrava, coalhada de barracas e de toldos brancos. O oceano, calmo, grave, quasi roxo ao longe, verde alga e verde oiro mais perto, transparente e claro, cintilante e leve junto á praia, bocejava o seu tedio formidável sob a benção tran-

quila da manhã. Era a hora do banho. Afioravam cabeças na agua. Vultos negros, gesticulantes, de pé sobre as pranchas, mergulhavam, chapinhando, espirrando espuma. Brincavam crianças na areia. Passava gente

risonha, vivaz, tostada do ar salgado. E ao fundo, junto dos rochedos, ao sol, «fraulein», uma mes-



trashina alemã de dezoito anos, loira, triste, imóvel debaixo da sua sombrinha vermelha, — chorava silenciosamente.

A aguia

As ultimas noticias da guerra confirmam-nos na convicção de que a retirada alemã que se seguiu á grande batalha do Marne, — foi uma verdadeira derrota. A Alemanha não se contentou com o imperialismo economico; lançou-se no pangermanismo «junker», a cuja ambição insaciável não bastavam nem as lentas infiltrações teutonicas na Europa

e na America, nem as espantosas conquistas do comercio alemão, que tinham transformado o imperio n'um gigantesco «Varein» de interesses mercanciaes. Quiz a guerra. A aguia germanica abriu a envergadura, encrespou as garras heraldicas, mas, d'esta vez, já não palpitava sobre o ca-



pacete d'aço de Bismark.

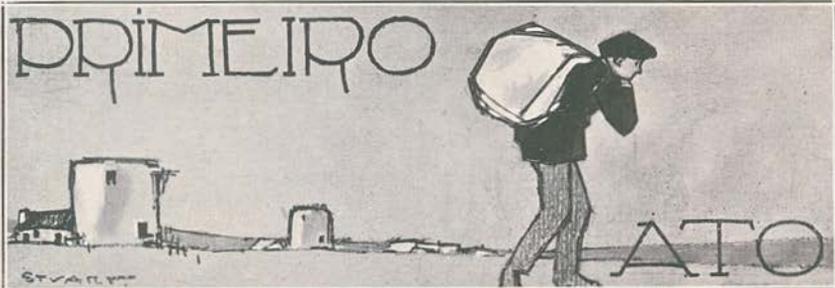
Literatura

Morreu o socio efetivo da Academia das Ciencias, Gonçalves Viana, — filólogo eminente. Estou a vê-lo ainda, nas noites de sessão, ocupando a sua cadeira predileta, — magro, seco, reflexivo, ponderado, tipo de antigo militar cuja «verte vieillisse» se tivesse isolado na intimidade carinhosa dos livros. Vejo-o, — e recordo a cultura erudita da sua lição, a nobre independencia do seu conselho, a grave autoridade da sua voz. Era um carater, — e uma figura. Como a sombra enorme dos mortos nos faz parecer pequena a estatura dos vivos!

JULIO DANTAS.



(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Não deixaram mesmo que completasse os doze anos. Dois meses antes d'esse dia de festa, em que o padrinho lhe oferecia invariavelmente uns tamancos e uma rosca de pão de trigo, mandaram-no para Lisboa contratado por um amo. E foi com muitas lagrimas, com muitos soluços que abraçou o pae e a mãe, que se despediu dos irmãos, que deixou a sua terra, uma aldeia pequenina e fresca que fechava ao norte, com hortas e pomares, uma das mais verdejantes veigas da provincia de Orense.

Habitou-se depressa ao transporte do fardo, suspenso do hombro por uma aza, ao arrepio d'essas ruas ingremes, ao longo d'essas avenidas amplas da cidade. Mez e meio depois da saída da aldeia galega em que nascera, conhecia, um por um, todos os artigos do seu commercio, as rendas, os entremeios, as echarpas, os lenços, as mantilhas—conhecendo igualmente, um por um, os becos mais escuros, as calçadas mais difíceis da area que lhe pertencia. Além d'isso revelava aptidão especial para a complicada profissão de vender bem. Pedia pelo lenço que valia dez importancia nunca inferior a trinta. Era caro? Não senhora, baratíssimo. E exigia da fregueza que lhe amarfanhasse a seda, que lhe observasse o brilho, que lhe medisse as dimensões. A fregueza não comprava? Insistia, primeiro com naturalidade, descendo no preço de trinta para vinte; tornava a insistir, dentro em pouco com ansiedade, reduzindo-o ao seu justo valor. Porque, se a venda, em cada dia, não atingisse uma soma minima previamente marcada, o patrão, um sujeito pezado e baixo, a quem chamavam D. Ramón, com mãos que lembravam grandes sapos a andar, moradia-lhe o corpito debil com a ponta brutal d'uma correia. Assim se explicava a aflicção da sua voz, quasi um clamôr, quasi um soluço, quando a noite se aproximava e não tinha realizado ainda essa quantia. Fitava as janelas, parava deante das lojas abertas, gritava: —*Rendas! Entremeios, rendas!*

Parecia-lhe que gritando, repetindo muito o grito agudo do seu pregão, se condoeriam do seu corpo as almas tocadas de piedade. E na verdade, por vezes, acudiam lindos rostos patricios emoldurados em *brise-bises* de tule, faces rozadas de criaditas que o chamavam das

portas, que lhe compravam meias de fio de Escocia ou mantilhas sevilhanas. Mas, se o pregão ficava esteril, como o fardo lhe pezava ao aproximar-se de casa! Rendas e echarpas, tão leves, tornavam-se mais pezadas do que barras de chumbo. Vergava o busto desalentado, os pés amortecidos pegavam-se-lhe ao solo. Ao chegar á porta do predio em que vivia, com o patrão, sentava-se, sem animo para subir. E como se o destino, não satisfeito com as suas dôres, quizesse multiplicar-lhas, erguendo mais aspero o seu calvario, fazendo mais funda a sua agonia, desenhava-lhe na luz crepuscular a humildade carinhosa da aldeia distante, pacifica e resignada, branda e afavel, atraindo-o n'um gesto irresistivel de maternidade. Os rebanhos chegavam do vale. Os camponeses, com eles seu pae, seus irmãos, de enchada ao hombro, de chapéu na mão, rezavam baixinho a um toque de sineta, muito lento, que era a nota mais grave da sinfonia de que os rebanhos tilintavam as notas mais agudas. Despertava, estremunhado. Tudo mentira. Estava em Lisboa, amarrado á cruz em que dentro em breve seria crucificado. Tudo tão diferente da sua terra—casas altas, escondendo o céu; gente atarefada, não vendo os que sofrem; e lá em cima, em vez do pão da sua mãe e dos seus beijos, em vez da benção do seu pae e dos seus conselhos, a correia inclemente sempre disposta ao castigo.

Punha-se de pé. Era preciso, pronto. Subia lentamente os degraus dos quatro andares, e que sendo tantos, se lhe afiguravam tão poucos. O amo recebia-o de sobrececho carregado, os olhos de um sombrio enigmatico de caverna.

—Han! Buenas horas! Ah, granuja!

Contava o dinheiro, conferia a fazenda vendida. Ele, encostado ao balcão, em silencio, tremia e perfilava-se. E d'aí a momentos as suas carnes adolescentes, precisadas ainda do amor que protege, contorciam-se de dôr sob a violencia que deprime—e ao bater-lhe, ao azorragar-lo, o patrão ria e praguejava.

Foi a seguir a uma cena d'essas, em que a crueldade se concedeu o prazer maximo do requinte, que na sua cabecita revoltada surgiu a idéa da fuga para a terra. Mas ficava muito distante. A pé não chegaria nunca a alcançar-

lhe as verdes hortas compensadoras. De comboio... faltava-lhe o dinheiro que correspondia ao preço do bilhete. O que ganhava, tinha-o no bolso do patrão, seu fiscal. Premeditou, hesitou. Resolveu, por fim, indo saber o preço da passagem. Venderia «fazenda» que prefizesse esse preço e fugiria no primeiro comboio da manhã. Não roubava — mandaria entregar o fardo ao amo, que, além d'isso, estava na posse da sua soldada. E executaria o plano de maneira que ele o soubesse quando fosse longe, talvez mesmo ouvindo já o ramalhar protetor das arvores que o viram crescer.

Corria o mez de março. O pequeno bufari-
neiro levantou-se, como de costume, ao rom-

e os seus pés agora voavam, n'uma leveza de penas arrastadas pelo vento. E na sua alma, em que a esperança fulgia, os sonhos sucediam-se, confundiam-se, apagavam-se, á semelhança das bolhas de ar de um redemoinho, que umas ás outras se confundem e se apagam.

O comboio tinha partido. Sentiu um desanimo enorme, d'um frio que o penetrou todo, invadindo-lhe o sangue, entorpecendo-lhe os nervos. Havia outro ás onze. O peor era o patrão. Não iria a casa antes da tarde, não saberia nada senão ao escurecer. E se entrava ali por acaso, e se por acaso vinha ao seu encontro? Resolveu esconder-se em qualquer parte. Tinha fome. Meteu a uma baiuca do seu conhecimento situada nas trazeiras do tea-



per indeciso da madrugada. Mais lesto do que de costume, á hora da saída, sem sequer ter provado o almoço, lançou o fardo ás costas, seguiu para as proximidades da Praça da Figueira.

— *Riendas! Entremãos, riendas!* — apregoa-
va, na sua voz quasi de supplica. A sorte conspирava a seu favor — pela primeira vez na sua vida. Antes das nove horas, e o comboio partia ás nove e meia, tinha comsigo o tesouro da libertação.

Contou o dinheiro ao fundo de uma escada, guardou-o dentro de um lenço, metendo-o no bolso das calças. A seguir chamou um «moço», a quem disse que estava doente, que ia dirigir-se ao hospital, a quem pediu que levasse o fardo ao amo, ao meio da tarde, que o amo lhe pagaria.

Caminhou para a estação, n'um alvorço —

tro Nacional, onde comeria, onde estaria oculto. Ainda não eram dez horas e meia quando regressou á estação — espiando a rua, espiando o largo. Avançou para o *guichet*. Compraria o bilhete e esconder-se-ia no comboio, esperaria no vagon o instante magnífico da partida.

Mas, pedido o bilhete, n'uma voz sumida de ansiedade, verificou que lhe faltava o lenço — o mesmo lenço em que guardára o dinheiro, de que pouco antes retirára as moedas de cobre que fôram o seu almoço. Afundou as mãos nervosas na belbutina dos bolsos do casaco. Nada!

A imagem tisonha da aldeia, que se lhe projetava na alma, a palpitar dentro d'ela como n'uma fita de animatografo, dissolveu-se-lhe em escuridão. As suas leiras, os seus ver-

geis, as suas fontes, os seus rebanhos, as suas blandícias sugestivas de mãe e de amante, caíram na treva que lhe ensombrou o cérebro. Os ouvidos zumbiam-lhe. Olhou em redor, de olhos pavidos, incertos, alucinados.

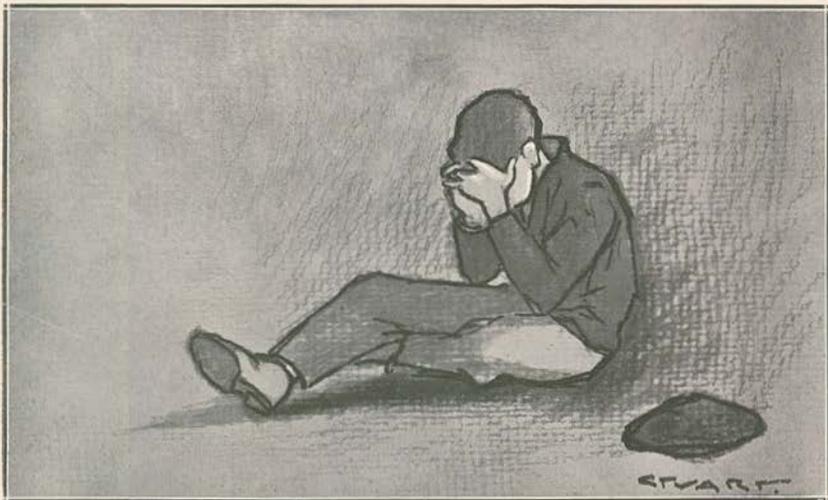
—Naturalmente... —e sem palavra para o bilheteiro largou porta fóra, como doido. Correu á baiuca em que estivera a almoçar. Interrogou o primeiro creado que se lhe deparou:

—Viú o meu lenço?—e como o homem não percebesse, explicou-se, disse qual era o lenço, o que continha o lenço, e a sua fôrma e a sua côr. O creado não o tinha visto. Indagou dos outros creados—e á medida que ia recebendo respostas negativas, e arrastando-se pelo sobrado, de lagrimas nos olhos, como Pedro procurando o sangue do Senhor na ponte de Cedron, a noite adensava-se dentro da sua alma, a esperança diluía-se no fundo do

fresca do vale longinquo, pesquisou a rua, pedra a pedra, canto a canto, enganando-se com um papel embrulhado e inutil, desenganando-se com a realidade agreste e impiedosa. A', mas havia de fugir!

Não, não ficaria ali, agora que o castigo seria mais duro do que nunca. Fugiria a pé. Iria de estrada em estrada, de povoado em povoado, dormindo á noite nos palheiros, pedindo de dia ás pessoas compassivas. E por muito que andasse, por muito que se fatigasse e que soffesse ao longo d'essa outra via dolorosa, sempre tinha a sorrir-lhe, ao fim da jornada, a aurora e o consolo dos afagos de sua mãe...

Meteu ao caminho. A noite surpreendeu-o nas proximidades do Cartaxo. Exausto de forças, trespassado de fome, descobriu um casebre abandonado e sem telhas, no meio de um campo raso e sem cultivo. Acercou-se do seu



seu desanimo. Os creados seguiam-lhe os movimentos supondo-o louco. Viram-no sumir-se debaixo da mesa onde comera, sondar a penumbra dos cantos, remexer sob o vão escuro dos moveis. Viram-no erguer-se, fita-los, e sem palavra, os dentes fíncados no labio inferior, sacudir-se de choro, muito amargo, muito sentido.

—Que tens tu, pequeno?—inquiriu um d'elles, condoído, ao mesmo tempo que os companheiros riam e o mandavam embora.

—Não é nada... Vou-me embora, vou, descancem.

E lembrando-se de repente que o lenço lhe podia ter caído lá fóra, que podia muito bem ser que ninguem se tivesse curvado para o apanhar, avançou para a rua, sem se despedir. Ainda quasi de rastos, a esperança de novo renascida, a miragem outra vez, e n'um clarão, enquadrando-lhe a vida na courela

abrigo, deitou-se ao acaso, adormeceu profundamente.

Na manhã seguinte, a requisição da policia de Lisboa, era preso na estrada, conduzido ao governo civil.

Um guarda de voz rouca e aspeto severo chamou-o a perguntas:

—Olha lá, rapaz? Porque roubaste o teu patrão?

O pequeno, alheado, mais perdido dentro de si mesmo do que uma pena no turbilhão de um vendaval, encarou-o a medo, respondeu indeciso:

—Han? O patrão... Lá isso é verd... Ah, o patrão... O' meu senhor... é que eu queria ir para a minha mãe!

PARA OS FERIDOS DA GUERRA!

Mal se reponha do assombro, do pavôr causado pela hecatombe tremenda que assola a Europa (e de nenhuma igual resa a historia) o espirito ainda o mais forte não pôde deixar de se sensibilisar profundamente quando atente nas tremendas consequencias do sangrento conflito, não já as de ordem economica que são incalculaveis, mas aquelas que tem trazido e trarão ainda o luto a muitos lares, que farão correr caudaes de lagrimas, que amontoa nos campos da batalha milhares de corpos ensanguentados.

Ha pouco mais de um mez que se iniciaram as hostilidades. e o numero de baixas sofridas pelos exercitos eleva-se já seguramente a centenas do milhar. Se a este numero se somar o dos paisanos fusilados ou passados a arma branca, e se além d'isso se tiver em conta que foram destruidas centenas de fabricas, arrasadas muitas povoações, incendiados monumentos scientificos e historicos e lançados na miseria e desesperação alguns milhões de pacificos cidadãos, compreender-se-ha facilmente que estamos em presença de uma catastrophe que recorda, pela sua grandeza, aqueles tremendos movimentos geologicos que em remotas idades mudaram a face do planeta.

Tão intensa é esta catastrophe, que quando se diz que a guerra será longa, a consciencia subleva-se ante semelhante anuncio, e todos os que não são dominados pelo odio, dizem á uma que isso não pôde ser, que isso não deve ser, que por humanidade e até por egoismo é preciso que tal não aconteça, que importa a todos que não se dê logar a que se consume a triste obra da loucura humana, e a fome e a peste batam as suas negras asas sobre esta desditosa Europa, que hontem se mostrava tão soberba com a sua civilização e hoje oferece um espetáculo que recorda os dias apocaliticos em que o imperio romano se afundava ante o poder das legiões que desciam do Norte como um mar trasbordante...

Mas, quem será capaz de tal impedir?

Não se sabe para quem recorrer nem é facil adivinhal-o. No entanto, se o impeto d'esta luta de gigantes não pode ser dominado, algumas das suas tragicas consequencias podem ser atenuadas. E não sabemos de interferencia mais nobre, mais bela, mais simpatica que a dos que correm em socorro das victimas. Assim o compreendeu o «Seculo», abrindo nas suas colunas uma subscrição em favor dos feridos da guerra, apelando para o coração de todos os portuguezes e principalmente para a afevidade das senhoras portuguezas, supplicando-lhes qualquer auxilio, em dinheiro, em roupas, ligaduras, pensos, etc. O apelo do «Seculo» encontrou eco em todo o paiz e é já consideravel o seu resultado. A nunca desmentida filantropia portugueza tem-se manifestado exuberantemente. Constantemente chegam donativos em dinheiro, roupas, peças de pano, etc. A grande quantidade de artigos que constituem a primeira remessa, que vai ser enviada á Cruz Vermelha franceza por intermedio do illustre ministro da França, sr. Daeschener, que gentilmente quiz tomar esse encargo, esteve ha dias em exposição no salão da «Ilustração Portuguesa». Essa exposição, que foi muito concorrida, foi no dia 14 visitada pelo sr. presidente do ministerio e pelo sr. ministro da França e sua esposa, que depois de examinares minuciosamente os objetos expostos tiveram palavras do mais rasgado elogio para a iniciativa do «Seculo», felicitando o diretor, sr. Silva Graça, pelo consolador resultado obtido. A «Ilustração Portuguesa», secundando a ação do «Seculo», apela tambem para a generosidade das suas leitoras, pedindo-lhes quaesquer donativos a fim de que sejam socorridos os infelizes que a fatalidade quiz atirar para essa carnificina que apavora o mundo culto.



Roba Veira



Visita do sr. presidente do ministerio e dos illustres ministros da França ao salão da «Ilustração Portuguesa»: Ao meio o sr. Silva Graça, director do «Seculo», tendo á sua direita a sr.^a ministra da França, os srs. dr. Bernardino Machado e Antonio Maria de Freitas, e á sua esquerda os srs. o ministro da França, Silva Graça, filho, e a sr.^a D. Brites da Piedade Oliveira Lancha, fundadora e directora do Asilo de N. Sr.^a da Piedade em Tomar.—(«Cliché» Benollel).



No Salão da «Ilustração Portuguesa».—Exposição de roupas, ligaduras, pensos, etc., angariados pelo «Seculo» para os feridos da guerra.



Outro aspêto da exposição

(«Clichés» Benolle).



Ultimo retrato do cardeal Della Chiesa, eleito Papa ultimamente, sob o nome de Benedito XV

Uma festa elegante em Vila do Conde



tempo agradável e, então, começou a organizar o regresso, iluminando com balões os carros, produzindo assim um efeito verdadeiramente



Realizou-se na magnífica quinta do sr. dr. Silva e Sá um «pic-nic» promovido pela colónia balnear de Vila do Conde. Pelas 13 horas no Jardim «Julio Graça» reuniram-se todas as famílias, tomando lugar em «char-à-bancs, brecks e landaus», abalando assim alegres e contentes ao som das guitarras e dos cantos harmoniosos das raparigas até ao lugar onde o sr. dr. Silva e Sá e sua família aguardavam os seus convidados. Logo se dirigiram todos para o pinhal da quinta, e os que dançavam passaram assim alegremente o tempo comunicando essa alegria aos que os viam até à hora em que foi servida em mesas artisticamente dispostas, a saborosa merenda. Na vasta eira da quinta patinou-se bastante, valsou-se, enfim passou-se o



te deslumbrante e todos, ao retirarem-se, sentiam-se agradavelmente impressionados pelas amabilidades e atenções do sr. dr. Silva e Sá e de sua família.



1. Na quinta do sr. dr. Silva e Sá—A assistência—2. Um grupo de patinadores—3. Dançando alegremente—4. A parte musical da festa.

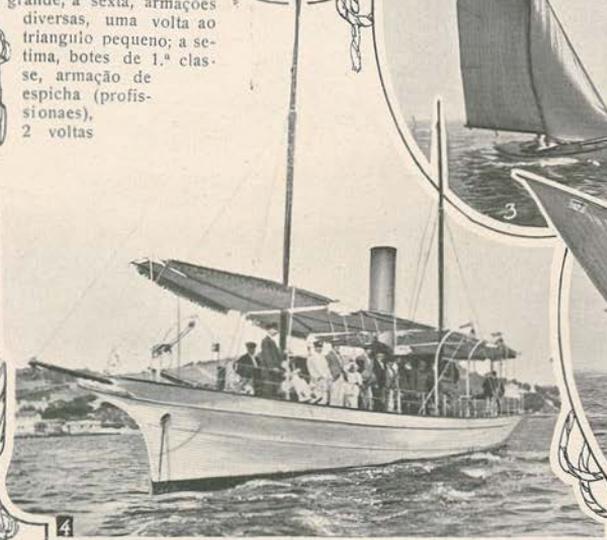
Regata de vela em Caxias

Houve no domingo, 6 do corrente, em Caxias, uma regata de vela, organizada pelo sr. Frederico Burnay, que despertou vivo interesse entre os amadores d'estas interessantes diversões e chamou grande concorrência á linda praia.

Realisaram-se oito corridas, sendo a primeira, chalupas, com percurso de 2 voltas ao triangulo grande; a segunda, canoas de 7 toneladas, com percurso de duas voltas ao mesmo triangulo; a terceira, armação «Slop», de 3 voltas ao triangulo pequeno; a quarta, «center boards», 2 voltas ao mesmo triangulo; a quinta, botes de armação de espicha registados no Club Naval, percurso de 2 voltas ao triangulo grande; a sexta, armações diversas, uma volta ao triangulo pequeno; a sétima, botes de 1.ª classe, armação de espicha (profissionais), 2 voltas



ao triangulo grande; e a oitava, escaleres, 1 volta ao triangulo pequeno. Os premios, que constavam, para a 1.ª corrida, de medalha d'ouro, para a 7.ª de 20 escudos e para as outras de objetos d'arte oferecidos pela comissão de Caxias e pelo sr. A. Ramos, bem como as medalhas oferecidas aos tripulantes das embarcações da 4.ª corrida, foram briosamente disputados.



1. A bordo do late do sr. Henrique de Seixas—2. «Futuro o dirá», bote de 1.ª classe, com armação de espicha, propriedade do sr. Alberto Santos, que obteve o 1.º premio—3. «Hinemoa» sloop, do sr. Armando Soares Franco, que obteve o 1.º premio—4. «Medusa», canoã de 7 toneladas, do sr. José de Abreu Lameiro, que obteve o 1.º premio—5. Late do sr. Henrique de Seixas, onde estava reunido o Juri—(«Clliches» Benoitte).

Peregrinação ao Sameiro



1. Proissão.—2. Outro aspeto da proissão.—3. Chegada da proissão ao Sameiro e a junta de bois oferecida á Senhora.—4. Saída da proissão.—5. Templo e monumento.—6. Venda de rosas.

(«Clichés» do distinto fotógrafo amator sr. C. E. Moutinho d'Almeida).

A REVOLTA DO CONGO

que estiveram sempre ao lado da autoridade, dando-lhe auxiliares e carregadores. São eles o soba da Vamba, região populosa, do qual e do seu sucessor no sobado damos o retrato. Ainda publicamos o de outros regulos não sublevados em grupo.

Uma outra fotografia, em que o chefe d'aquella região tenente coronel sr. Carolino Acacio Cordeiro está saudando a Natureza, mostra-nos a exuberancia d'aquello otimo torrão, que podendo ser uma segunda ilha de S. Tomé, pois o café e outros produtos da zona tropical são ali espontaneos, tem estado á mercê da indolenca indigena. Eis pois onde os nossos emigrantes, desenganados já das terras de Santa Cruz, podem ser uteis a si e á Patria. Tambem publicamos a entrada do forte do Bembe, onde durante dois longos mezes houve continuadas tentativas de assalto por parte dos insurretos.

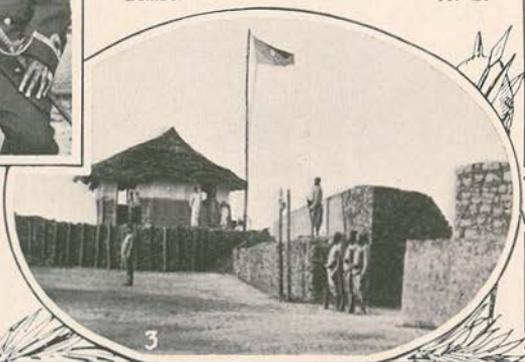
Bembe.

A. C.



Esta revolta, que tem causado o o desasocego pela visinhança de estrangeiros na região revoltada, pelo que respeita á parte Sul está quasi sufocada, tendo começado já as apresentações dos regulos, a quem pela sua rebeldia teem sido applicadas fortes multas.

E' no entanto de prever que os povos muito afastados dos centros occupados, ainda nos venham a dar alguns incomodos, porem não ha a menor duvida de que a ordem será restabelecida por completo, devido aos esforços do governo e seus delegados n'aquellas paragens. A revolta não fôra geral, havendo regulos de grande preponderancia nos povos,



1.—1 Soba Quilpembe, 2 Soba Sangue, 3 Soba da Vamba, 4 Sobeta da Vamba, 5 Soba da Mahala.—2. O regulo da Vamba, circumscrição da capitania mor de Bembe e o seu sucessor no sobado.—3. Entrada do forte de Bembe.—4. O capitão mor do Bembe, sr. tenente-coronel Carolino A. Cordeiro, saudando a natureza.

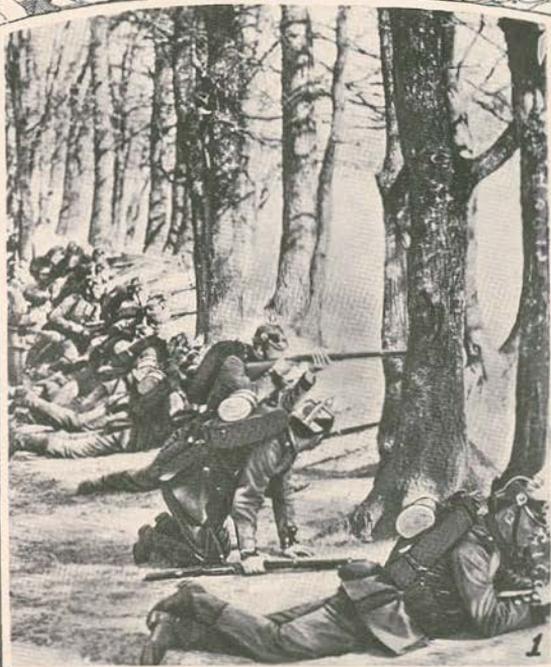
A Europa em guerra

A situação modificou-se muito sensivelmente. O exercito alemão operando em França realizou movimentos diversos, sem duvida para envolver as tropas do generalissimo Joffre. A' data das ultimas noticias tal tatica não deu os resultados desejados pelo exercito do kaiser, que tem recuado muitissimo no terreno já ganho.

A batalha travada no Marne deu vantagens aos aliados,

vantagens que as proprias noticias de origem alemã confirmam. As tropas inglezas caminham na vanguarda e tecm-se batido com extraordinaria bravura.

Ou em virtude do engrossamento das forças aliadas ou por motivo de consideraveis perdas, os alemães chamaram em seu auxilio as tropas que guarneciam a Belgica. Esta resolução deu em resultado tomarem os belgas a ofensiva e ocuparem algumas cidades



1. A infantaria alemã operando n'um bosque.—2. A infantaria franceza mudando de posição n'uma ofensiva.
(«Cliché» de Branger).



1. Transportando tropas inglesas do Sena para Rouen
2. O desembarque



3. A recepção aos aliados

que haviam sido tomadas pelo inimigo.

A invasão russa na Alemanha continúa, preparando os alemães a defeza de Breslau. As tropas moscovitas teem obtido tambem assinaladas vitorias so-



4. Em Rouen—O primeiro contato entre uniformes «khakis» e calções vermelhos



Em Paris—Alistamento dos voluntarios Italianos—(«Cliché» Chusseau Flavens).



1

1. Observando o campo inimigo
(«Cliché» M. Branger).



2

2. Exército francês.—Caçadores alpinos durante a ação
(«Cliché» Chusseau Flavens).

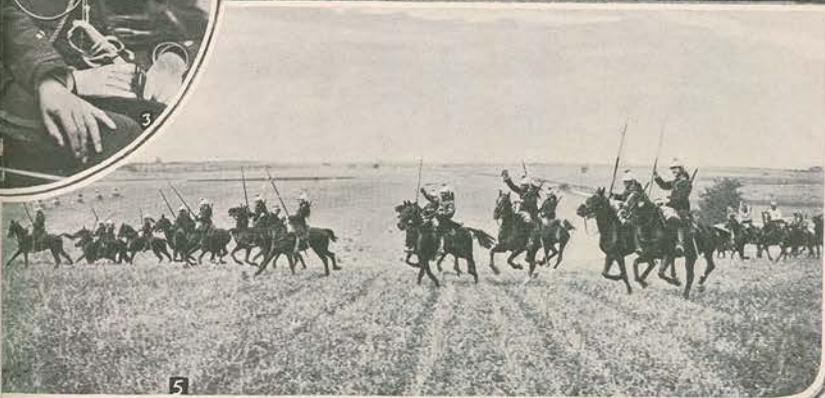


3

3. O general Pau, que comanda as tropas francesas na Alsácia.— («Cliché» Chusseau Flavens).—4. Carga à baioneta da infantaria francesa para tomar uma posição ao inimigo.— («Cliché» M. Branger).

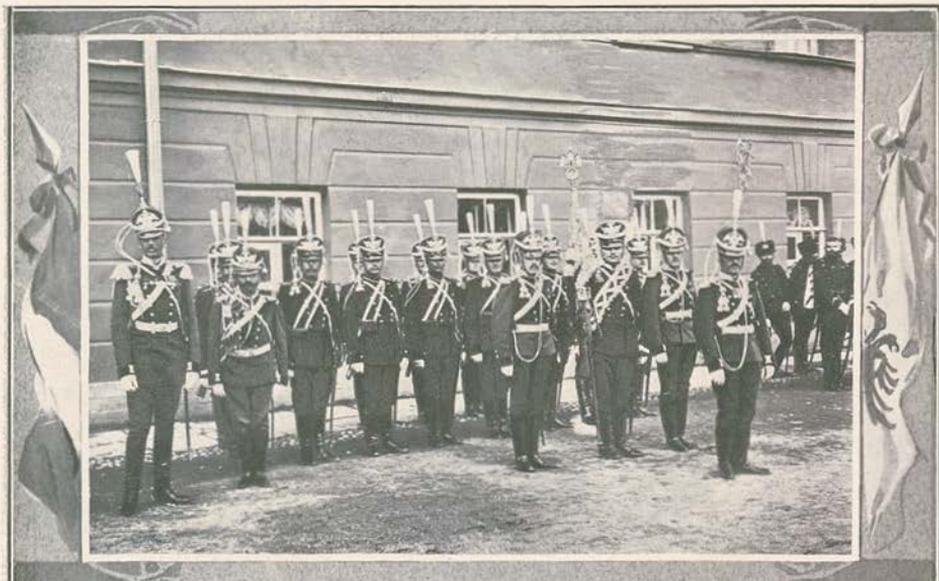


4



5

5. Dragões franceses perseguindo uma patrulha alemã que fazia um reconhecimento.— («Cliché» M. Branger).



Russia.—Hussards do Imperador



Cavalaria russa.—(«Glichés» Chussearú Flávrens).



Damas da Cruz Vermelha na fronteira.—(«Cliché» M. Branger).



Cuirassiers francezes socorrendo um seu camarada ferido.

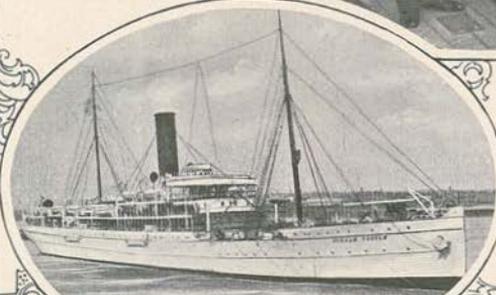
(-Clichê M. Branger).



A Infantaria franceza contornando uma posição do inimigo.—(Cliché M. Branger).

As expedições porlu- guezas à Africa

Revestiu extraordinario luzimento a despedida feita aos expedicionarios a Angola e Moçambique pelo povo de Lisboa. Essa despedida teve o carater de uma grande manifestação nacional. Alheado a outro qualquer sentimento, o povo da capital que se aglomerava nas ruas por onde os bravos soldados deviam passar até aos caes de embarque, só pensou n'essas inolvidaveis horas em que o coração de todos pulsou com



o mais vivo e enternecido entusiasmo, na Patria, n'esta terra gloriosa que tanta vez afirmou ao mundo a intrepidez e o valor dos seus filhos nas emprezas colossaes da navegação e das conquistas.

Não se descreve, não se pode dar uma leve impressão do entusiasmo ao rubro, do delirio com que a multidão aclamou os expedicionarios. Grande hora de enternecimento, de



1. A bordo do «Moçambique», que conduz a expedição a Angola. Da esquerda para a direita: Tenente-coronel Rocadas, capitão de fragata D. Bernardo da Costa (Mesquita), ministro da marinha, sr. Augusto Neupart, ministro da guerra, sr. general Pereira d'Eca, ministro das colonias, sr. engenheiro Lisboa de Lima, commissario de bordo sr. Fonseca, sr. Pedro Gomes da Silva, diretor da Empresa Nacional de Navegação e o comandante do «Moçambique».—2. O paquete inglez «Durham Castle», que conduz as forças expedicionarias a Moçambique.—3. Forças de artilharia de montanha comandadas pelo capitão sr. Norberto Ferreira Guimarães, vindas de Evora, e que fazem parte da expedição à Africa Occidental, saindo da estação do Sul e sueste no Terreiro do Paço e dirigindo-se ao quartel de artilharia 1 em Campolide.—(«Glicê» de Benolite).



viva comoção compensando largamente muitas outras de desanimo e amargura!

A passagem em frente da Camara Municipal, a cujavaranda se encontravam o venerando Chefe do Estado, acompanhado pelo ministerio, vereação, os chefes politicos srs. drs. Afon-

so Costa, Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, general da divisão, governador civi, e autoridades civis e militares, a manifestação atingiu proporções de verdadeira apoteose. Um verdadeiro delirio! O exercito, as instituições e o Che e do Estado foram alvo de aclamações vibrantissimas. E muito olhos se orvalharam de lagrimas — aquelas lagrimas que não se escondem porque são o orgulho de quem as chora!



1. No Posto Marítimo de Desinfecção.—Embarque de generos e munições para a expedição portugueza que seguiu no «Durham Castle» para Moçambique.—2. Sr. dr. Alexandre de Vasconcelos e Sá, capitão de fragata medico chefe dos serviços de saude da expedição a Angola.—3. Alferes sr. José Gomes Ferreira Soares de Mesquita, official provisor da 4.ª bateria da artilharia de montanha da expedição a Moçambique.—4. O batalhão de Infantaria 14., vindo de Vizeu para seguir na expedição a Angola, saindo da estação de Santa Apolonia em direcção ao quartel de Infantaria 5. (Clíchés Benoitel).

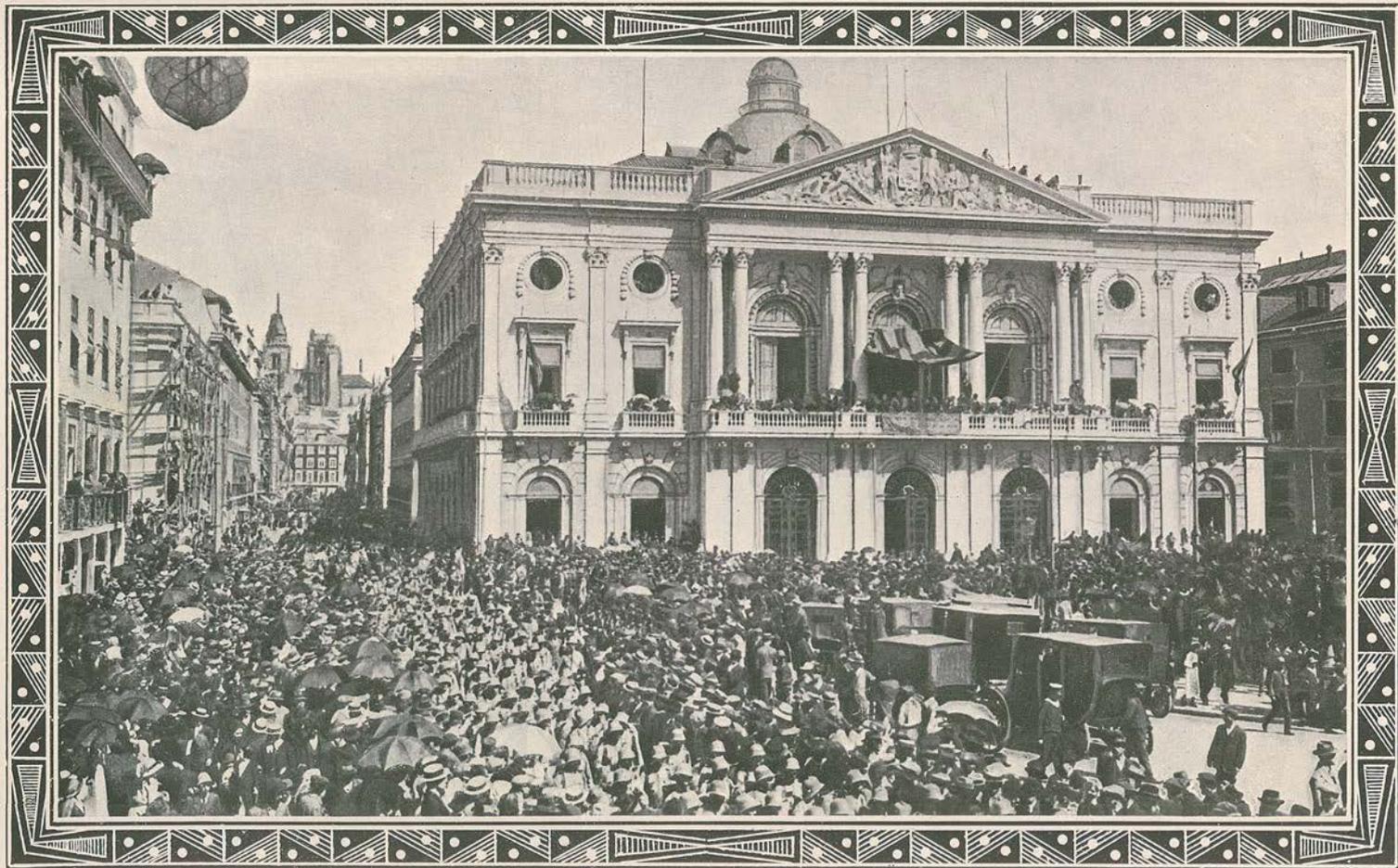


Soldados do regimento de cavalaria 10, de Vila Viçosa, despachando bagagens, na estação de Santa Apolonia.



O 4.º esquadrão do regimento de cavalaria 10, seguindo pelo largo do Museu da Artilharia em direção ao quartel de cavalaria 4, em Belem.

(«Clichés» de Benollet).



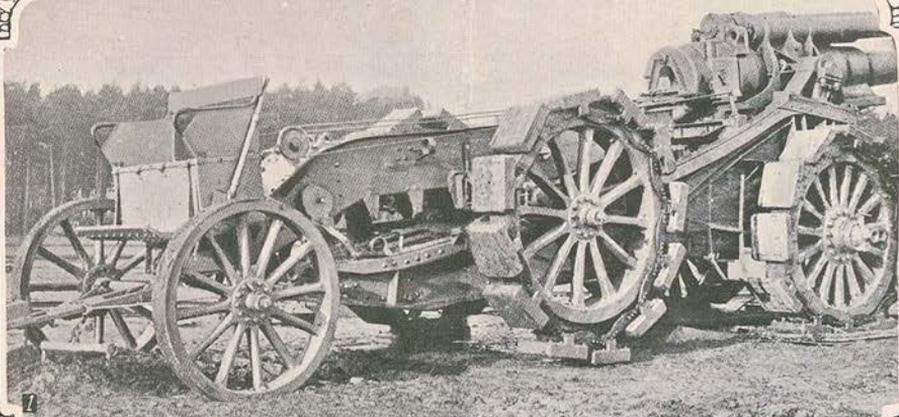
Na Praça do Município—As forças expedicionárias passando em frente à Câmara Municipal em cuja varanda assistiam ao desfile o Chefe do Estado, membros do governo, chefe dos partidos políticos, vereação e autoridades militares e civis—(«Cliché» de Benoliel).



Na Praça Marquez de Pombal.—As forças expedicionárias antes do desfile.—(«Clichô» Benolfe).



No Posto Marítimo de Desinfecção.—A largada do «Durham Castle». A multidão aclama os expedicionários.—(Cliché Benoit).



1. As peças de sitio, de 21 centímetros, usadas pelos Alemães contra as fortalezas belgas e francezas.—
2. Um canhão de artilharia pesada inglesa.—3. Efeitos da artilharia alemã n'um dos fortes de Liège.—3. Um
regimento de dragões escoceses que muito se distinguiu nos ultimos combates.

OUTR'ORA E HOJE



I

Quando eu era criança, uma inocente
Contando d'anos uma duzia apenas,
Nas tardes estivaes, calmas, serenas,
Olhando o céo embebecidamente,

Ficava-me a cismar!... E o rir dolente
Das estrelas, fulgindo ás centenas
Em grandes gotas, medias e pequenas
Apoz cerrar a noite suavemente,

Vinha acordar minh'alma enternecida!...
Agitava-me então estranha vida,
Ajoelhava crente, e uma oração

Voava dos meus labios para os céos,
Onde eu via a imagem do bom Deus,
N'uma aureola d'Amor e de Perdão!

Porto.

II

Pobre de mim!... já hoje assim não é!...
E se á noite contemplo o firmamento
E' só tristeza e dôr e sofrimento
Que invade a minha alma que em Deus crê!...

E' certo que conservo a mesma fé
Que outr'ora me elevava o pensamento
Junto do Creador, nem um momento
Ela me abandonou, e julgo até

Que ela aumentou com minha desventura;
Mas este imenso Amôr, doce tortura
Que me consome e abraza sem cessar,

Fez-me esquecer de todo a oração!...
E meu esfacelado coração
— Só lagrimas, Senhor, sabe rezar!

ESMERALDA DE SANTIAGO.

O teatro da Republica devorado pelas chamas



Lisboa perdeu, com o teatro da Republica, a sua melhor, mais moderna, mais chic casa de espetaculos, a que estavam ligadas as mais fundas recordações de horas de arte inolvidaveis. Pelo teatro da Republica, agora um montão de escombros, que a muita inteligencia e o grande tato administrativo do seu direlor convertera n'um verdadeiro capitulo de arte, passaram não só os nossos maiores actores como as sumidades teatraes europeias. Ali trabalharam os Rosas, Brazão, Damasceno, Lucinda



1. Sr. visconde de S. Luiz Braga, empresario e diretor do teatro da Republica—2. A fachada do teatro incendiado, do lado da rua Antonio Maria Cardoso—3. O incendio, ás 6 horas da manhã. O fogo rompendo livremente depois da derrocada do teto do palco—(«Llicués» de Benolite).

e Lucilia, ali se apresentaram ao publico portuguez a Duse, Zaconi, Novelli, Emmanuel, Tina di Lorenzo, a Vitaliani, Guitry, Sara Bernhardt e tantos outros artistas de primeira grandeza. N'aquelle palco glorioso foram representadas peças dos mais illustres dramaturgos portu-

guezes. Foi lá que se estrearam Julio Dantas, Chianca, Malheiro Dias, acolhidos de braços abertos por esse velho *charmeur* hoje acobrinhado pela catastrophe que lhe roubou a casa querida que ele fez, engrandeceu, illustrou, prestando ao paiz o relevantissimo serviço de elevar o culto da arte teatral entre nós a um grau nunca excedido.

Pobre S. Luiz Braga! Ao seu espirito bizarro e ao seu generoso coração estava reservada uma tremenda

provação! Só quem conhecia os desvelos, as atenções, a dedicação extrema d'esse empregario que os meios teatraes europeus conhecem, estimam e

respeitam, por aquella casa que a sua direção transformou n'um centro artistico de primeira grandeza, pôde avaliar a sua magua. Lisboa confia, porém, na energia, na tenacidade e no fanatismo do visconde de S. Luiz Braga pelo teatro, e espera vêr o Republica,

como a Fenix, renascido das proprias cinzas. Essa casa é indispensavel, como atestado da nossa cultura e até como elemento de equilibrio no meio do descalabro em que o teatro portuguez se encontra. N'um paiz onde sistematicamente se tem negado subsídio a um teatro escola, todas as palavras de acorçoamento que n'este momento se dirijam á empreza do Republica são justificadas. E' preciso remediar essa grande perda.

E crêmos que passada a hora de desalento, os empregarios do belo teatro cujo desaparecimento Lisboa deplora, o reconstruirão para orgulho nosso.



1. No foyer—O ator Chabi Pinheiro vendo as ruínas do teatro onde obteve tantos exitos—2. Aspêto do interior do teatro depois do rescaldo.—(«Clíchés de Benollet».)

CONTRA a
ASTHMA
o PÕ
do ABYSSINIA
EXIBARD
allioir
instantanea nte
H. F. E. SLOTTIÈRE & C^o
8, Rue Dombasle, Paris.

URIVESARIA VINHAS
COMPREM N'ESTA CASA
51, Rua dos Fanqueiros, 52
Esquina da R. de S. Julião



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"
é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamamento e durante o período do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrrhéa, tão frequente nas crianças.*
PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCENARIAS.

Agencia do SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

(Entre a rua de la Paix e os grandes boulevards)

Telefone ASCENSOR Endereço telegrafico—SECULO—

PARIS

Salão de leitura—Informações—Publicidade—
Hotéis—V. agens—Guias interpretes—Teatros—
Relações commerciaes entre a França, Portugal e
Brazil—Serviço de compras organizado em
condições excepcionaes nas melhores casas de
comercio par.sienaes e em grande numero de
fabricas, com as quaes a Agencia está directa-
mente em relações

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percallino de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tamhem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registrada. Cada capa vas acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

.. côres, pelo mais recente processo—o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcusable perfeição

Stereotypia

De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS
DA

Ilustração Portuguesa

R. DO SECULO.
43



Todos os que
usam o sabão

HENO ^{de} PRAVIA

teem a epiderme
fina e suave como
a duma creança